

Tinha uma felicidade no caminho...

Há tempos me pergunto o motivo pelo qual diminuí os ensaios de poemas. Escrevia com determinada frequência no passado. Gostava do “ofício”. Não há uma resposta técnica, ou acabada. Inclino-me a acreditar que fases da vida são elementos de fomento e singularização.

Solidão, paixões de verão, distanciamentos espaciais, afastamentos emocionais, enfim, turbulências afetivas cotidianas são exímios gatilhos a criatividade da escrita dramático-emotiva.

Saudades do que viveu, do que não viveu, da nostalgia da gravura exposta no porta-retrato em preto e branco na casa de “Itabira”.

Muitas vezes os textos poéticos advém de presunçosos sentimentos agudos, profundos e doloridos, pelo olhar momentâneo de quem tem para si que “vive enfim um grande amor” **buarquiano**. (“Mentira”)!

Em essência e em regra, é um reles sentimento rarefeito e efêmero, se observado pelo ângulo da Águia Albatroz oceânica que em seu voo alto desvenda as impropriedades do repugnante Navio de **Castro Alves**.

Nas linhas de **Neruda** em “Poema 20”, tão permanente neste ano que duplica seu título, “o amor é tão curto e tão longo o seu esquecimento”. Picadeiro perfeito ao “melhor amigo do uísque” que se aventura por estas “bandas que cantam o amor”.

Personalidades, pessoalidades, individualidades, que vêm e vão (mas nunca em vão!) trazem poemas ao escritor. É mais fácil poetizar a solidão, a nostalgia, a dor da perda, a paixão não correspondida, a partida, o fim do amor! Ainda que este seja previsível, “posto” que é “chama”, e não eterno, segundo **Vinícius de Moraes**.

Já dizia o próprio **poeta camarada**, a mulher precisa ter “qualquer coisa de triste, qualquer coisa que chora, qualquer coisa que sente saudade”. A dor faz parte da inspiração, quando não seu conteúdo principal. Consternação e poesia caminham lado a lado. Em seu poema, mais emblemático, ao tratar do juramento da fidelidade, **Vinícius** aponta a “solidão” como o fim imperioso de quem ama.

Ardiloso mesmo é tecer linhas aromáticas sobre relacionamento, ao olhar para a página em branco, e a vida caminhar retilínea e harmoniosa. É necessário ter coragem e paciência. Inspiração e muita transpiração. Olhar

a tela que reflete todas as cores, uma vez, duas, três, quatro, dezenas, “quarentenas”... quisera eu... ser **Quintana!**

Mais prudente imitar **Manoel Bandeira** e ir embora pra Pasárgada. E não se olvide que, uma vez em Pasárgada, a inspiração textual seria a saudade das terras de **Gonçalves Dias**, lugar “repleto de palmeiras e onde canta o sabiá”.

Ferreira Goulart acrescentou o “seio” em seu ensaio sobre a “Nova Cancão do Exílio”. Modernizou, sensualizou, concretizou, inda assim, suplica a Deus com medo do futuro longe da amante.

Fosse proibido ou desinteressante documentar a dor, o pessimismo, **Álvaro de Azevedo**, seria somente um (des)conhecido no **AA**, pedindo vênias ao trocadilho das iniciais.

Olhos felizes diante dos “olhos” intimidativos do papel em branco não produzem o campo fértil da imaginação dos “Olhos nos Olhos” de **Chico Buarque**. A obra de arte retrata o monólogo sobre um “ex” casal precariamente vinculado, ainda que tenha a negativa reticente do eu lírico em sentir algo sobre o “de cujus” amoroso. Maria Bethânia deixa a obra “ainda mais eterna”, sem o menor remorso do pleonasma.

Drummond foi além em “Quadrilha”, pois “João amava Teresa, que amava Raimundo, que amava Maria”... e seguiu o ciclo infinito do desencontro. E ao menos nas fontes das poesias, contrariando **Vinícius**, a vida, definitivamente, não é a arte do encontro.

Talvez, ainda mais fácil e inspirador ao instrumentista das vogais e consoantes seja situar a mulher no estilo renascentista **Camoniano**. O sexo “frágil” como um ser ideal, supremo, intangível. A mulher angelical do rosto rosado. A materialização do intocável e da perfeição. O sentimento do amor e desejo como metonímia do pecado. Sem dúvidas, uma singular mola propulsora para o sofrimento em redondilhas maiores. **Olavo Bilac**, Príncipe dos Poetas, assina embaixo.

Fernando Pessoa não precisou de nenhum heterônimo para cravar em “Autopsicografia” que “o poeta é um fingidor. Chega a fingir que é dor. Dor esta que ele realmente sente”.

O problema do “escritor”, e aqui me situo na descrição mais elementar aureliana, “aquele que escreve”, e não o autor de obras literárias, quiça um “arquiteto de signos ou palavras” (definição que melhor se aplica a

Leminski) é a harmoniosa normalidade.

O atrito do materializador de sentimentos não advém “do riso que fez-se o pranto” no “Soneto da Separação” do **poetinha**, mas quando “do pranto fez-se o riso”.

Me pergunto **poeta itabirano**, “E agora, José”? Seria um gauche capaz de responder?

Seria um desajuizado, que cria um emaranhado de palavras perdidas, capaz de escrever, sem que se perca no avesso, do avesso, do avesso, do avesso de **Caetano**?

Seria necessário o **Nascimento** de outro **Milton**?! Responda-me antes de partir, Amigo(s)!

A tarefa é árdua, mas não impossível, ao que pese incomum. O perito das sílabas já o fez com maestria. Palmas efusivas a **Chico Buarque** ao escrever “Valsinha”.

Uma simples noite de dança de um casal já desgastado, não pelo amor em si, mas pelo tempo, transformada em um espetáculo digno de *Soleil*. “O resto é sombra de árvores alheias”. Que me desculpem **Ricardo, Álvaro e Alberto Caieiro**, porque ele ainda traduz a “Construção” poética em música. O resultado artístico chega a ser injusto!

Abrindo novas aspas em um texto já aspeado... convenhamos, Chico é Chico “né”?! “Nosso Guri”. Ao pormenorizar suas ideias e musicalizá-las, basta “olhar seus moços...dificilmente ele não chega lá”!

Me identifico mais com o retrato do artista pós-moderno de **Manoel de Barros**, que reconhece que “a maior riqueza do homem é sua incompletude, e nesse ponto, sou abastado”.

Traduzir a paz amorosa seria tão dispendioso quanto enfrentar “Gigantes Adamastores”, principalmente porque os pensamentos, ao cabo, não Atormentam... trazem paz!

Reconheço que possa estar exagerando (faz parte da poesia, ainda que desconstruída)! Estaria eu agindo como um poeta eloquente?! (Perdoe-me **Castro Alves**). Seria a tentativa de elaborar uma “poesia leve” no máximo o desfoque “Quixoteano” dos Moinhos de Ventos de **Cervantes**?

Será que o homem atrás do bigode não é tão feio assim? Há uma face bonita dentre as sete?! “A Máquina do Mundo” deve saber.

Quisera eu responder! E não será desta vez que irei me arriscar.

Faço minhas as palavras de **TOM JOBIM**, “quem me dera ser um poeta para cantar doces frases de amor”.

Amor sem despedida, sem altos e baixos, amor puro e simples, amor camponês com o incremento da sexualidade modernista. Amor “Cotidiano”, com menos oscilações diárias. Quando “o todo dia ela faz tudo sempre igual” é mais que o suficiente a felicidade diária.

Porque metade de mim é amor, **Oswaldo!** E a outra metade sempre me espera singelamente com um “sorriso pontual” indescritível de tanta beleza. E quando abro a porta de casa, após um dia de trabalho, Ela me indaga alto exalando felicidade, uma pergunta que só tem uma simples resposta: “quem chegou”?!

Uma ternura que transforma em pó o poema com mesmo título de **Vinícius de Moraes**.

Essa cena, quase que diária, é a poesia mais linda que já vi.

E antes que me esqueça.....Ela não me deixa mudo o violão!!!!

Águas Claras – DF, 16 de março de 2020.
Felipe Morais Barbosa